OPEN ACCESS

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN
FAMECOS
PUCRS

REVISTA FAMECOS
mídia, cultura e tecnologia

Revista FAMECOS, Porto Alegre, v. 32, p. 1-17, jan.-dez. 2025
e-ISSN: 1980-3729 | ISSN-L: 1415-0549

https://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2025.1.47055

SEÇÃO: MÍDIA E CULTURA

Quando um corpo é vulnerável, incompreensível e incontrolável: Daenerys Targaryen e as possibilidades do feminino em *As Crônicas de Gelo e Fogo* e em *Game of Thrones*

When a body is vulnerable, incomprehensible and uncontrollable: Daenerys Targaryen and the possibilities of the feminine in A Song of Ice and Fire and Game of Thrones

Cuando un cuerpo es vulnerable, incomprensible e incontrolable: Daenerys Targaryen y las posibilidades de lo femenino en Canción de Hielo y Fuego y Juego de Tronos

Felipe Viero Kolinski Machado[1]
orcid.org/0000-0002-8051-126X
felipeviero@gmail.com

Recebido em: 29 out. 2024.
Aprovado em: 29 jan. 2025.
Publicado em: 26 mar. 2025.

Resumo: Desenvolvido no contexto de uma investigação mais ampla, o objetivo específico deste texto é compreender, a partir da trajetória da personagem Daenerys Targaryen, uma das protagonistas das narrativas *As Crônicas de Gelo e Fogo* e *Game of Thrones*, os sentidos que se estabelecem acerca do feminino. Com esse intuito, empreendemos uma análise crítica cultural da mídia, ancorada em referenciais caros aos estudos de gênero e feministas. A partir de três núcleos de sentidos desvelados, compreendemos a personagem como um corpo plural que, em dados momentos, é vulnerável, em outros é incompreensível e, também, é incontrolável. Ao final, ainda que se trate de uma personagem que desafia normas de gênero ao longo da saga, percebe-se, de modo continuado, o reforço de lógicas patriarcais e misóginas no que tange suas possibilidades/impossibilidades de existência.

Palavras-chave: As Crônicas de Gelo e Fogo/Game of Thrones; Daenerys Targaryen; análise crítica cultural da mídia; gênero.

Abstract: Developed in the context of a broader investigation, the specific objective of this text is to understand, based on the trajectory of the character Daenerys Targaryen, one of the protagonists of the narratives of A Song of Ice and Fire and Game of Thrones, which meanings are established about the feminine. With this aim, we undertook a critical cultural analysis of the media, anchored in references dear to gender/feminist studies. From three cores of unveiled meanings, we understand the character as a plural body, which at certain moments is vulnerable, at others it is incomprehensible and, also, it is uncontrollable. In the end, even though it consists of a character who challenges gender norms throughout the saga, we can see, in a continuous way, the reinforcement of patriarchal and misogynistic logics regarding their possibilities/impossibilities of existence.

Keywords: A Song of Ice and Fire/Game of Thrones; Daenerys Targaryen; critical cultural analysis of the media; gender.

Resumen: Desarrollado en el contexto de una investigación más amplia, el objetivo específico de este texto es comprender, a partir de la trayectoria del personaje Daenerys Targaryen, una de las protagonistas de las narrativas de Canción de Hielo y Fuego y Juego de Tronos, qué significados se establecen sobre lo femenino. Con este objetivo, emprendimos un análisis cultural crítico de los medios, anclado en referencias caras a los estudios feministas/de género. A partir de tres núcleos de significados develados, entendemos al personaje como un cuerpo plural, que en ciertos momentos es vulnerable, en otros incomprensible y, también, incontrolable. Al final, si bien se trata de un personaje que desafía las normas de género a lo largo de la saga, podemos ver, de manera continua, el refuerzo de lógicas patriarcales y misóginas respecto a sus posibilidades/

Artigo está licenciado sob forma de uma licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

[1] Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) Belo Horizonte, MG, Brasil; Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Mariana, MG, Brasil.

imposibilidades de existencia.
Palabras clave: Canción de hielo y fuego/Juego de Tronos; Daenerys Targaryen; análisis cultural crítico de los medios de comunicación; género.

Introdução

> Eu nasci em Pedra do Dragão. Não que eu possa me lembrar [...] Passei a minha vida em terras estrangeiras. Tantos homens tentaram me matar, nem me lembro de todos os nomes. Fui vendida como uma égua reprodutora, acorrentada e traída, estuprada e violada. Sabe o que me manteve de pé, em todos esses anos no exílio? Fé. Não em algum deus, não em mitos e lendas, em mim mesma. Fé em Daenerys Targaryen. O mundo não tinha visto um dragão há séculos, até meus filhos nascerem. Os Dothraki nunca tinham cruzado o mar, nenhum deles. Eles cruzaram por mim. Nasci para comandar os Sete Reinos. E eu vou comandar (Game [...], T07, Ep03, 2017).

Tendo seu primeiro volume publicado em 1996, *As Crônicas de Gelo e Fogo,* de autoria de George R. R. Martin., tornou-se um grande sucesso comercial. Dos sete livros previstos, até então, cinco foram lançados, com vendas que ultrapassam 90 milhões de cópias, em mais de cinquenta idiomas. Passando dos livros às telas, a produção audiovisual *Game of Thrones* (GOT) (HBO – 2011-2019) foi igualmente exitosa: estima-se que apenas a última temporada tenha sido acompanhada por um bilhão de pessoas (Game [...], 2019).

Tomamos a saga como representativa do que se compreende como cultura pop, ou seja, uma constelação afetiva que, para além de entreter e de visar ao lucro, expõe disputas sociais, produz significações e impacta nos modos como os sujeitos entendem a si e ao mundo que os cerca (Sá; Carreiro; Ferraraz, 2015). Para além do caráter fantástico, a trama mobiliza sentidos amplos em torno de questões de gênero e de sexualidade, tal qual destacam trabalhos que nos precederam e outros que, ao longo de nosso projeto[2], temos desenvolvido (Frankel, 2014; Silva *et al*., 2017; Souza, 2020; Mendonça; Gonzatti, 2021; Moraes, 2022; Kolinski Machado, 2022; Mendonça, 2023).

Ao longo do ano de 2020, nos debruçamos sobre os cinco livros e as oito temporadas e construímos um amplo banco de dados sobre representações de gênero e de sexualidade de diversas personagens a partir do mapeamento de suas trajetórias.[3]

Tomamos o texto literário e audiovisual em uma dimensão alargada e, nesses textos multimodais, buscamos marcas que tragam respostas aos nossos questionamentos a partir de uma análise crítica cultural da mídia (Kellner, 2001), ancorada em referenciais caros aos estudos de gênero/feministas (Butler, 2012; Butler, 2015; Wittig, 2010; Mulvey, 1983; Louro, 2008; Beard, 2018). Na proposta de Kellner (2001, p. 21), tal análise, ao se basear em estudos midiáticos, em métodos de crítica cultural e em perspectivas teóricas correlatas, que dizem das disputas políticas e ideológicas da sociedade, daria a ver "o modo como várias formas dessa cultura produzem prazer, opiniões e identidades que inibem ou fomentam as metas de maior democracia, igualdade e de uma sociedade realmente multicultural". Em relação à produção audiovisual, em específico, desenvolvemos um protocolo analítico voltado ao estudo de cenas (Kolinski Machado, 2022), inspirados pelos movimentos advindos da análise fílmica (Vanoye; Goliot-Lété, 2006), que prevê descrição detalhada, reflexão acerca de enquadramentos/movimentos de câmera, reprodução de diálogos pertinentes, ponderações acerca da paisagem sonora e, ainda, a reprodução de frames ilustrativos.

Neste texto visamos a realizar um movimento em particular: tomando como base a narrativa literária e audiovisual, compreender quais sentidos se constituem em torno da personagem Daenerys Targaryen, uma das protagonistas, observando o que se estabelece como possibilidades/impossibilidades do feminino, na trama e para além dela. No trecho que abre esta seção, Daenerys conta um pouco de sua trajetória, mas, ainda assim, consideramos relevante salientar

---

[2] Trata-se do projeto *Quais vidas realmente importam em Westeros? Gêneros e Sexualidades em As Crônicas de Gelo e Fogo e em Game of Thrones* que se volta às representações de gênero e de sexualidade na narrativa literária e audiovisual da saga.

[3] Agradeço aqui aos bolsistas de Iniciação Científica Ana Carolina Fonseca Carvalho, Julia Diegoli e Kaio Veloso.

alguns aspectos. Daenerys Targaryen (em *Game of Thrones* interpretada pela atriz britânica Emilia Clarke que, no contexto de veiculação da produção, tinha 25/33 anos) é uma jovem princesa exilada em *Essos* (continente vizinho à *Westeros,* onde se passa a maior parte da saga). Ela é bela, magra, com cabelos muito claros, quase brancos. Filha do Rei Aerys II Targaryen, destituído do trono em uma revolução, ela e seu irmão mais velho, desde muito jovens, mudam-se continuamente a fim de evitar assassinatos políticos. Viserys, seu irmão, articula seu casamento com Khal Drogo, um dos líderes dos Dothraki (população nômade e guerreira), com o intuito de assumir o controle de seu exército e, então, tomar o poder. Viserys e Drogo, entretanto, não sobrevivem ao primeiro livro/primeira temporada e, ao longo dos próximos livros/episódios, Daenerys torna-se a mãe dos dragões – uma vez que consegue trazê-los à vida a partir de ovos que estavam petrificados –, Khaleesi – título originalmente designativo para a esposa de um Kahl, mas que, em Daenerys, torna-se referente não ao posto de consorte, mas de soberana – e Mhysa/Quebradora de Correntes – títulos advindos do seu combate à escravidão em *Essos*. Com um grande exército (três dragões adultos, guerreiros Dothraki e soldados ex-escravos, os quais a apoiam, mesmo que não mais em um regime de escravidão), Daenerys retorna à *Westeros*, passa a ocupar Pedra do Dragão (antiga base da família) e, buscando aliados entre as grandes famílias do continente, objetiva tomar para si o trono que considera seu. Na última temporada, após lutar contra o exército dos mortos, dirige-se à capital para assumir o trono. Mesmo diante da desistência do exército inimigo, Daenerys destrói a cidade de modo impiedoso. No último episódio da saga, Jon Snow, sobrinho, amante e apoiador de Daenerys, aproxima-se dela e, de maneira inesperada, a assassina.

Tendo em vista a trajetória descrita, bem como em diálogo com nossas bases bibliográficas e já em um movimento de caráter crítico e analítico, propomos olhar para Daenerys a partir de três categorias centrais: *Um corpo vulnerável; Um corpo incompreensível;* e *Um corpo incontrolável.* Cabe destacar, neste ínterim, que tais categorias não são apriorísticas, mas emergentes de um movimento que passa por múltiplas miradas (como audiência, como fã, como pessoa pesquisadora que, ancorada em bases teóricas e políticas, observa seu objeto de análise). O corpo, então, é aqui empregado como uma metáfora, como um significante complexo, abrangente e que, neste caso, dá a ver possibilidades e impossibilidades de existência do feminino em dada produção literária e audiovisual. Ainda que seja metáfora, e não o conceito central neste texto, entendemos o corpo, em diálogo com pesquisas que nos precederam, como um vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída (Le Breton, 2007), além de uma estrutura simbólica e superfície de projeção que se constitui em arena de disputas político-estéticas (Baltar, 2023).

Antes de passarmos a essas categorias, entretanto, propomos uma reflexão orientada a partir de um conjunto de imagens da personagem (Imagem 1). Em *Figurino como narrativa não verbal: uma análise de Daenerys Targaryen da série Game of Thrones* (Silva *et al.*, 2017), as autoras e os autores sugerem que observemos Daenerys com base em um conjunto de elementos relacionados ao figurino (tais como forma, cores e materiais). Em um primeiro instante, em consonância com aquilo que abordaremos neste texto, percebe-se o reforço de uma representação da personagem sob os signos da delicadeza e da fragilidade. As formas retas e soltas, femininas; os tons claros, românticos, como o rosa ou o azul; e o tecido leve, fluido, expondo partes do corpo, parecem sugerir, desde o primeiro momento, quais lugares aquele corpo pode ou não pode ocupar. Conforme avança em sua trajetória e assume outras posições, passando de um corpo que é controlado a um corpo que detém controle, tal mudança também é perceptível em seu figurino. A parte superior opera como um vestido, embora, em algumas situações, a parte inferior consista em uma calça, favorecendo a mobilidade e desafiando um padrão generificado de vestuário. O uso de capas reforça a imagem de soberania, enquanto o predomínio de cores como o azul mais

escuro, o branco e o cinza reitera uma ideia de seriedade. Assim, estabelecem-se outras formas de olhar a personagem.

Ainda que não abordem as últimas temporadas em seu texto e, por conseguinte, não se voltem aos figurinos finais da personagem, consideramos igualmente relevante destacar alguns elementos sobre eles. Tal qual ocorre com outras personagens da série, em razão da chegada do inverno (que, no contexto da narrativa, pode se estender por um longo período de tempo), os tecidos tornam-se mais pesados, mais grossos. Ainda que o branco se faça presente, também se percebe a forte presença do cinza e do preto que, em conjunto, parecem sinalizar sobriedade. Daenerys, ainda, passa a usar uma corrente, de aspecto militar, que parece reiterar seu lugar não apenas de soberana como, também, de guerreira. Sobre o vestido branco, de pelos, do último quadro, conforme menciona Michele Clapton (Vestido, 2019), figurinista de *Game of Thrones,* a ideia foi reforçar a autoimagem que Daenerys teria de si, nesse momento, como uma salvadora, um anjo de misericórdia que voa em seu dragão.

Imagem 1 – Figurinos de Daenerys



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de HBO.

Um corpo vulnerável

> - Não quero ser sua rainha - ouviu sua voz dizer num tom fraco e agudo. - Por favor, por favor, Viserys, não quero. Quero ir para casa. - Para casa? - ele manteve a voz baixa, mas ela conseguia ouvir a fúria na entoação. - Como havemos de ir para casa, minha doce irmã? Eles roubaram nossa casa! - levou-a para as sombras, para fora da vista dos convidados, com os dedos enterrados em sua pele. - Como havemos de ir para casa? - repetiu, referindo-se a Porto Real, à Pedra do Dragão e a todo o território que tinham perdido [...] - Não sei... - Dany disse por fim, com a voz perdendo a firmeza. Lágrimas jorraram-lhe dos olhos. - Mas eu sei - disse ele com voz cortante, - Vamos para casa com um exército, minha doce irmã. Com o exército de Khal Drogo, eis como vamos para casa. E se para isso tiver de se casar com ele e com ele dormir, é isto o que fará. - sorriu-lhe. - Deixaria que todo o seu khalasar a fodesse se fosse preciso, minha doce irmã, todos os quarenta mil homens e também os seus cavalos, se isto fosse necessário para obter o meu exército. Fique grata que seja só o Drogo [...] - Sorria - murmurou Viserys nervosamente, com a mão caindo sobre o punho da espada. - E fique ereta. Deixe que ele veja que você tem seios. Bem sabem os deuses que os tem bem pequenos. Daenerys sorriu e se aprumou (Martin, 2014a, p. 51-52).

Ainda que no contexto da produção audiovisual Daenerys seja interpretada por uma jovem mulher (25 anos), na narrativa literária a princesa é ainda mais jovem, tendo apenas 13 anos. Em ambos os textos, contudo, o que parece se constituir, neste momento da trajetória da personagem (em especial ao longo do primeiro livro/primeira temporada), é o estabelecimento de seu corpo, jovem e feminino, não apenas como passível de controle masculino, mas, em especial, como alvo de diversas formas de martírio (Kolinski Machado, 2022) e vulnerabilidade. No trecho que dá início a esta seção, tal fica evidente, percebe-se a imposição do casamento à personagem e, para além disso, o modo violento e sádico por meio do qual ela é tratada por seu irmão, que dispõe de seu corpo e de sua vida. Em diálogo com Judith Butler (2015), compreendemos a vulnerabilidade não apenas como um traço ou uma disposição episódica, tampouco como algo que se dá no corpo, encerrado em suas fronteiras, mas como advinda de um modo de relacionalidade, que se constitui na interface com o outro e que é continuamente reiterado. Em relação à essa primeira categoria de análise, inspirados por Butler (2015), é a partir deste lugar, de corpo vulnerável, de uma existência que se configura com precária, que compreendemos as possibilidades de representação de Daenerys (Imagem 2)

Na primeira cena aqui analisada[4] (T01, Ep01), após a cerimônia de casamento, Daenerys e Drogo dirigem-se a uma praia rochosa, aparentemente deserta. O cenário, idílico, sob o sol poente, confere uma aura de romantismo à cena, ainda que se trate de um estupro. A paisagem sonora é constituída pelos sons do mar em atrito com as rochas e por uma trilha instrumental que sinaliza tristeza. Drogo, sem camisa e muito maior e muito mais forte que a esposa, passa a andar ao seu redor, puxando faixas, retirando adornos e abrindo seu vestido, sem o consentimento dela. O plano, aberto, é substituído por um plano fechado, em *close*, que mostra Daenerys chorando. Essa sucessão de planos (aberto quando Drogo a circula, evidenciando inclusive o cenário, em *close*, ao mostrar o martírio de Daenerys, e americano, ao evidenciar seu corpo nu) é uma constante na cena em questão. Posicionado atrás de Daenerys, em um plano americano que mostra rosto dela, mas que não mostra o seu rosto (fora do plano), Drogo abaixa o vestido, ao passo que Daenerys posiciona os braços a fim de evitar a exposição de seus seios (os quais, cabe destacar, são expostos antes que ela consiga cobri-los). Ainda atrás de Daenerys, Drogo força seus braços, obrigando-a a expor os seios, não a ele, uma vez que ele esta atrás dela, mas ao telespectador, que também lança seus olhos sobre ela e sobre a violência sexual da qual ela é vítima. Chorando copiosamente, ouvimos o soluçar de Daenerys. Ainda em suas costas, ele passa a mão firmemente por seu pescoço, passa a mão pelo seu dorso e a força a se abaixar, posicionando-a no chão. A cena encerra com Daenerys, nessa posição, soluçando antes da continuação do estupro.

[4] Ainda que já mencionada em Kolinski Machado, 2022, consideramos necessário, diante da trajetória da personagem e da categoria aqui discutida, recuperá-la neste trabalho.

Em outro instante da produção audiovisual (T01, Ep02), ao comentarem sobre o casamento de Daenerys, Robert Baratheon (então rei) diz ao seu conselheiro (Ned Stark) o que precisaria ser feito. "Daenerys Targaryen casou-se com um senhor de cavalos dothraki. E daí? Devemos lhe enviar um presente? Talvez uma faca bem afiada e um homem corajoso para empunhá-la. Ela não passa de uma criança. Em breve essa criança abrirá as pernas e começará a procriar". Ainda neste episódio, mas em cena seguinte, Daenerys, ainda que já tenha sofrido um segundo estupro, aprende com uma aia como agradar sexualmente o marido. A cena se passa em uma tenda, iluminada por velas. Daenerys está deitada sobre peles, em uma cama, tendo a aia sobre si. Há uma trilha suave, amena. "Não, Khaleesi, é preciso sempre olhar nos olhos. O amor chega pelos olhos. Dizem que Irogenia de Lys conseguia fazer um homem chegar ao fim só com os olhos". Ao passo que o diálogo avança, a aia toca em Daenerys. Os planos alternam-se entre fechado (*close* nos rostos das mulheres) e aberto, mostrando, em especial, o corpo da aia, que usa uma espécie de blusa que deixa o abdome visível, e a aia posicionada sobre Daenerys. Quando a aia se debruça, chegando próximo aos lábios de Daenerys, esta mostra-se desconfortável. "Acho que Drogo não vai gostar se eu ficar por cima. Faça com que ele goste, Khaleesi. Os homens querem o que nunca tiveram. E os dothrakis tomam mulheres como cães tomam cadelas. Você é escrava, Khaleesi? Então não faça amor como uma escrava". A aia pega as mãos de sua interlocutora, posiciona-as em sua cintura e começa a se mover/rebolar sobre ela. Daenerys move-se rapidamente, alternando as posições e se colocando sobre a aia. "Muito bem, Khaleesi. Lá fora ele é o poderoso Khal, mas nesta tenda ele pertence à senhora. Acho que não é o modo dos dothraki. Se ele quisesse o modo dos dothraki, por que se casaria com a senhora?".

Em relação a ambas as cenas descritas, alguns aspectos são relevantes de serem sublinhados. Algo que se mostra central no que se refere a essas representações específicas, via elementos como ângulos de câmera (como planos fechados, que se detêm especialmente em corpos femininos) e trilha sonora, é a presença de um olhar masculino (Mulvey, 1983) que torna viável a objetificação da personagem. Na primeira cena, de estrupo, tal qual abordamos em outro texto (Kolinski Machado, 2022), esse sofrimento intenso de Daenerys, aliado à exposição de sua nudez, cumpre um duplo lugar de excitação perante a violência e de entretenimento diante deste martírio. Em relação à segunda cena, em diálogo com Frankel (2014), compreendemos que se trata de uma falsa cena lésbica (*fake lesbian scene),* algo que se repete em outros instantes da produção e que, sem um grande impacto na narrativa, parece apenas atender a um suposto prazer masculino e heterossexual, que fetichiza a relação e reduz uma situação entre mulheres a um lugar passivo, daquilo que pode e que deve ser olhado por homens. Em ambos os casos, tem-se um corpo vulnerabilizado de uma mulher sem agência sobre si, que passa do jugo de um homem (seu irmão) a outro (seu esposo) e que, em ambas as situações, é cativa do patriarcado. É também em diálogo com Sousa (2020, p. 73) que se argumenta que são "os abusos infligidos por seu irmão, o casamento forçado e os estupros maritais [que] marcam o início da trajetória de Daenerys [...] destacando a vulnerabilidade das mulheres frente ao exercício brutal do poder patriarcal sobre elas". Na percepção da atriz (*apud* Frankel, 2014), ao falar sobre o arco narrativo de sua personagem, teríamos fundamentalmente a história de uma garota que cresce e se torna mulher. Interessante destacar, contudo, o suplício enfrentado (via casamento forçado e estupro, por exemplo) que parece ser estabelecido como requerido para esse amadurecimento.

No terceiro livro da saga (Martin, 2014b), dispondo de um número não tão grande de seguidores e de três ainda pequenos dragões, Daenerys estabelece relações com um comerciante de escravos guerreiros (Imaculados), dando a entender que pretende comprá-los. O que é interessante destacar em determinados trechos, acionados abaixo, é o modo como o comerciante a trata ao longo das transações. Ainda que Daenerys

compreenda o que é dito, ela não revela este aspecto, deixando que o homem fale livremente à tradutora que os atende. "Diga à prostituta westerosi para baixar os olhos"; "Até os fracos olhos púrpuras de uma selvagem do poente são certamente capazes de ver como as minhas criaturas são magníficas"; "Todos os porcos westerosi são assim tão ignorantes?"; "Diga-lhe para abrir esses olhos de cadela"; "Diga à vaca que pare de mugir"; "Tagarelar com mulheres é um desperdício. No leste ou no oeste são todas iguais [...] Diga à rameira que se quiser um guia para a nossa bela cidade, Kraznys mo Nakloz está a seu serviço... e também pode lhe prestar outros serviços, se for mais mulher do que parece". Mais uma vez, ainda que dispondo de seguidores e dos únicos dragões vivos dos quais se têm notícia, Daenerys é continuamente desqualificada em razão de seu gênero, tal qual evidenciam os termos empregados para se referir a ela (prostituta, porca, cadela, vaca, rameira), reiterando sua condição subalterna em um sistema patriarcal.

Mais adiante, em outro instante da narrativa audiovisual (T06, Ep01), Daenerys acaba sendo capturada por um grupo *Dothraki,* já reorganizado a partir da morte de Drogo, há muito ocorrida. Em plano aberto, há homens a cavalo e uma horda em trânsito. Um dos cavaleiros leva Daenerys, que segue a pé, puxada por uma corda. Ela tropeça e é chicoteada. Ela se mostra contrariada e o cavaleiro que a puxa, bem como outro que os acompanha, riem de seu sofrimento.

> Talvez tenha visto um fantasma. A mãe de um amigo tinha o cabelo branco por isso. Pessoas rosadas têm medo do sol. Queima a pele delas. Se essa ai ficar muito tempo no sol, o cabelo dela ficará branco. Acha que os pelos da vagina dela são brancos também? Esteve com uma garota de pelos brancos? Só quando estava transando com sua avó. Pedirei a Khal Moro uma noite com você. O que acha? Olhos bonitos, mas ela é uma idiota. Não tem de ser esperta para levar no traseiro. Gosto de conversar quando termino. Caso contrário, seremos como cachorros.

Nesta ocasião, sem seu exército e sem seus dragões, ela retorna ao lugar de garota frágil, indefesa e que está à mercê da agência e do controle de outros homens.

Já no contexto da última temporada, em uma situação que antecede a cena aqui analisada, Daenerys, em seu dragão, destrói a cidade de Porto Real, assassinando tanto inimigos quanto vítimas inocentes. Ao longo do último episódio, Jon Snow é orientado por diferentes personagens a "resolver a situação", em um contexto no qual "resolvê-la" seria livrar-se da nova rainha, percebida como perigosa. A cena aqui analisada (T08, Ep06)[5] se dá no salão, então destruído e coberto por cinzas, onde se localiza o trono. A cena é escura e o céu, ainda que visível por meio das ruínas, está encoberto. A paisagem sonora, em um primeiro momento, é marcada apenas por uma trilha que remete à melancolia. Os planos se alternam entre aberto (evidenciando a destruição do local e o percurso de Daenerys que, sozinha, se dirige ao trono) e fechado (mostrando Daenerys, com uma expressão um tanto insana de satisfação, e o trono em si (símbolo do poder monárquico)). Em dado momento desse percurso, a câmera mostra Daenerys em um plano que, de baixo para cima, reforça o seu lugar de poder. Em *close* vemos a personagem tocar no trono, admirada, e em plano aberto acompanhamos a chegada de Jon. Daenerys se dirige a Jon, sorrindo. "Quando eu era menina, meu irmão disse que foi feito com mil espadas dos inimigos derrotados de Aegon. O que seriam mil espadas para uma menininha que não sabia contar até 20?". Jon, em contrapartida, mostra-se preocupado. "Vi os prisioneiros Lannisters sendo executados nas ruas. Disseram que foram ordens suas". Daenerys diz ter sido necessário e Jon, em resposta, questiona essa necessidade, então gritando. "Você foi lá embaixo? Você viu? Crianças! Criancinhas queimadas!". Daenerys soa surpresa ante a contestação e explica o que houve a Jon. "Eu ofereci paz a Cersei. Ela usou a inocência delas como uma arma contra mim. Ela achou que me paralisaria". Jon pede a Daenerys que

[5] Tal qual anteriormente explicado, ainda que essa cena também tenha sido abordada em Kolinski Machado (2022), consideramos necessário, diante da trajetória da personagem e da categoria aqui discutida, recuperá-la neste trabalho.

Tyrion seja libertado. Ela diz que ele conspirou, junto aos seus inimigos, pelas suas costas. "Você pode perdoar todos eles. Faça-os ver que erraram. Faça-os entender. Por favor, Dany". Jon chora e Daenerys parece consternada. "Não podemos nos esconder atrás de pequenas clemências. O mundo que precisamos não será construído por homens leais ao mundo que temos". Jon, em resposta, afirma que o mundo necessário é um mundo clemente. Daenerys, então, aproxima-se de Jon. "E será. Não é fácil enxergar algo que nunca aconteceu antes. Um mundo bom [...] Porque eu sei o que é bom. E você também [...] Você sempre soube". Em *close*, chorando, Jon pergunta sobre as demais pessoas, sobre o que elas acham que é bom. Em um primeiro plano vê-se Daenerys e Jon abraçados, corpos colados, a mão dele a segurando pela nuca. Ao fundo tem-se a escadaria e o trono de ferro. A trilha, melancólica, então é retomada. Há *closes* de ambos (Daenerys satisfeita e Jon incomodado).

> Elas não podem escolher. Fique comigo. Construa esse mundo novo comigo. Este é o nosso propósito. É assim desde o começo, desde que você era um garotinho com nome de bastardo e eu era uma garotinha que não sabia contar até 20. Vamos fazer isso juntos. Vamos quebrar a roda juntos.

Há, então, um movimento de câmera que se aproxima ainda mais das personagens, indicando que haverá um beijo. A mesma trilha melancólica toma a cena. "Você é minha rainha. Agora e sempre". Daenerys, romanticamente, encara Jon. Ele a puxa para um beijo. A trilha, agora sinalizando um ápice, tem seu volume ainda mais elevado. Ouve-se, para além do plano, um barulho de uma espada sendo retirada da bainha, cravada em algo e um suspiro arfante de Daenerys. A cena segue mostrando o beijo. Daenerys se solta do abraço/beijo, olha para baixo e constata que foi ferida. Incrédula olha para Jon, que a ampara em sua queda. Já no chão, em *close,* Daenerys não consegue falar, suspira e o sangue escorre pela sua boca e nariz. Em plano aberto vê-se Jon segurando o cadáver de Daenerys, com a espada ainda cravada. Daenerys, morta, está com a cabeça pendendo para trás. Ao fundo o trono de ferro no qual ela, ainda que rainha, não chegou a se sentar.

Ainda que tenhamos abordado momentos diversos, em narrativa literária e audiovisual, o que parece se repetir, em todos eles, é o estabelecimento de espaços permitidos e interditados, bem como de expectativas possíveis ou não, em torno de corpo jovem e feminino que é continuamente controlado, ameaçado, violentado, assassinado e, por conseguinte, constituído em torno da vulnerabilidade. Tal qual lembram Ana Paula Penkala, Lucas Pereira e Isadora Ebersol (2014), em especial, no início da saga, Daenerys, reitera o arquétipo da donzela, ou seja, de uma mulher pura, ideal, intocada, subserviente e ingênua. Ainda que em alguma medida se distancie deste lugar no decorrer da saga, em diferentes momentos, dentre eles o de seu assassinato, essa imagem de fragilidade e despreparo parece ser recuperada. O que parece ser constituído em narrativa literária e audiovisual é a perspectiva de que, sem seus dragões e sem seus exércitos masculinos, ela permaneceria em seu lugar de vulnerabilidade, refém de um sistema patriarcal que se faz presente em *Westeros* e, também, em nossa sociedade.

Imagem 2 – Um corpo vulnerável



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de HBO.

Um corpo incompreensível

> Quando o fogo enfim morreu e o chão ficou suficientemente frio para poder ser atravessado, Sor Jorah Mormont encontrou-a entre as cinzas, rodeada por toras enegrecidas, fagulhas de brasas incandescentes e os ossos queimados de homem, mulher e garanhão. Estava nua, coberta de fuligem, com as roupas transformadas em cinzas, os belos cabelos torrados até desaparecer... mas incólume. O dragão creme e dourado chupava-lhe o seio esquerdo, o verde e cor de bronze, o direito. Os braços dela os embalavam bem perto. O animal negro e escarlate envolvia-lhe os ombros, com o longo pescoço sinuoso enrolado sob seu queixo [...] Sem palavras, o cavaleiro caiu de joelhos. Os homens do seu khas vieram atrás dele [...] E depois dele vieram as aias, e depois os outros, todos os dothrakis, homens, mulheres e crianças, e Dany não teve mais que olhar para os seus olhos para saber que eram seus agora, hoje, amanhã e para sempre, seus como nunca tinham sido de Drogo. Quando Daenerys Targaryen se pôs em pé, seu dragão negro silvou, com fumaça clara saindo da boca e das narinas. Os outros dois afastaram-se dos seios e somaram suas vozes ao chamamento, com asas translúcidas abrindo-se e agitando o ar, e pela primeira vez em centenas de anos a noite ganhou vida com a música dos dragões (Martin, 2014a, p. 1033).

Ainda que em diversos momentos a imagem de vulnerabilidade seja retomada, Daenerys também é construída, no contexto da saga, como detentora de poderes misteriosos e capaz de realizar façanhas inexplicáveis (Imagem 3). No trecho reproduzido acima, que encerra o primeiro livro, após a morte de Drogo, a viúva prepara uma pira, a fim de queimar o corpo do marido. Na pira, Daenerys coloca os três ovos de dragão petrificados de que dispõe, uma bruxa que a havia ludibriado e ingressa no fogo, dando a entender que irá se sacrificar. Conforme se observa na descrição, no dia seguinte, ela não apenas é encontrada ilesa como, também, com três jovens dragões, recém nascidos. É assim que ela se torna *Mãe dos Dragões* e *Não Queimada.* Na narrativa audiovisual (T01, Ep10) a cena é muito semelhante, embora traga algumas diferenças. Ao contrário do que ocorre nos livros, na série a personagem mantém seus cabelos intactos e, ainda, há ênfase em sua nudez, o que, sugerimos, dialoga com a vigência de um olhar masculino (Mulvey, 1987) que percorre *Game of Thrones* como um todo.

Em outro instante da trama audiovisual (T02, Ep10), após ter seus dragões roubados, Daenerys dirige-se à Casa dos Imortais, sede dos magos de Qarth, onde sabe que irá encontrá-los. Ela ingressa na construção e, conforme se desloca pelo espaço, tem diferentes visões: vislumbra o trono de ferro, em um salão tomado por cinzas (algo que de fato ocorre ao final da trama), bem como vê marido e filho, há muito mortos, vivos. Finalmente, ela chega ao local onde seus dragões são mantidos cativos. A cena é escura, ocorrendo em um espaço de aparência circular, construído em pedra. A paisagem sonora é constituída pelos diálogos e pelos grunhidos dos dragões. Os planos se alternam, entre aberto e fechado, mediante a cena se desenvolve. Atrás dela, chega um mago.

> Eles sentem falta da mãe deles. Querem ficar com você. Quer ficar com eles? Ficará. Quando os dragões nasceram, nossa magia renasceu. É mais forte na presença deles. E eles são mais fortes na sua. Ficará com eles, pelo inverno, verão e inverno novamente. Por milhares de estações, você ficará com eles. E estaremos com vocês até o fim dos tempos. Seja bem-vinda ao lar, Daenerys, Nascida da Tormenta.

Ao passo que ocorre tal monólogo, o mago duplica-se e ambas as figuras prendem Daenerys por correntes, tal qual já estavam presos os dragões. "Este não é meu lar. Meu lar é atravessando o mar, onde meu povo me aguarda". Daenerys está presa, tendo os dragões atrás de si e um dos magos em sua frente. Ela então dá o comando (Dracarys) e os jovens dragões lançam chamas que não a afetam, mas que queimam vivo o captor. A cena termina com os dragões libertando-se dos grilhões e com Daenerys demonstrando satisfação.

Em outro momento (T05, Ep09), em uma arena de lutas em *Meereen,* Daenerys vê-se em apuros. Os *Filhos da Harpia*, grupo insurgente que se opõe a ela em razão do combate à escravidão, organizam uma emboscada, com o intuito de assassiná-la. Ainda que protegida por seu exército, a personagem se encontra em desvantagem e sob risco iminente. Ao fechar os olhos, Daenerys invoca um de seus dragões que, de uma bola de fogo no céu, vem ao seu resgate. Para escapar, Daenerys monta em seu dragão e, juntos, voam pela primeira vez. Ainda que contenha diferenças, o voo ocorre também na narrativa literária. Ao não apenas ter trazido os dragões de volta a vida, como por saber controlá-los e, a partir deste momento, montá-los, Daenerys, novamente, ocupa o lugar de um corpo mágico, singular. "Os senhores de dragões da antiga Valíria controlavam suas montarias com feitiços de ligação e cornos mágicos. Daenerys fizera com uma palavra e um chicote".

No contexto da narrativa audiovisual, em instante ainda não abordado nos livros, depois de voar em seu dragão, Daenerys acaba sendo feita prisioneira (situação mencionada na seção anterior, quando ela é levada por seus captores). Na cena que aqui nos interessa (T06, Ep04), Daenerys é trazida a um grande espaço circular, uma construção em palha e madeira, iluminada por fogo advindo de estruturas metálicas, como que candelabros, que se espalham pelo ambiente. Trata-se de uma audiência que decidirá o que será feito com ela. Os homens, em sua presença, mas a ignorando, falam sobre o destino que a aguarda. "Quem se importa com ela? Ela é uma anã". "Eu gosto dela". "Ela é mais pálida que leite". "Gostaria de conhecer o sabor de uma Khaleesi". "Certo, você pode lamber meu pênis". Os homens seguem conversando, até que ela os interrompe, dirigindo-se ao líder. "Não quer saber o que eu penso?". Todos se mostram surpresos. "Prefere ser vendida como escrava? Ou mostrar ao Rhalko aqui como é o seu sabor?". "Não. Não quero nenhuma dessas coisas". O diálogo avança, assim como a misoginia. A câmera alterna entre planos abertos e fechados e vemos Daenerys, que está em pé, mover-se ao centro de uma espécie de púlpito, cercado pelos candelabros.

> Aqui, agora, o que os Grandes Khals discutem? Quais pequenos vilarejos atacarão, com quantas meninas transarão, quantos cavalos exigirão como tributo. São homens pequenos. Nenhum de vocês é adequado para liderar os Dothraki. Mas eu sim. Então, eu liderarei.

Todos riem. Há, então, uma trilha sonora que

indica suspense.

> Está bem. Sem Dosh Khaleen para você. Em vez disso, vamos revezar para transar com você. Depois, nossos companheiros de sangue transarão com você. E se sobrar algo de você, será a vez dos cavalos. Sua vadia maluca! Acha mesmo que a serviríamos? [...] Você não vai servir. Você vai morrer.

Daenerys derruba sucessivos candelabros, que caem sobre a palha, alcançam a madeira e, rapidamente, provocam um incêndio. Observamos os homens sendo queimados e atingidos pela estrutura da construção, que começa a despencar. Em plano aberto, em uma imagem aérea do exterior, vemos o prédio em chamas e uma multidão aproximar-se. Com uma trilha intensa, as portas se despedaçam diante do fogo e, do espaço por elas deixado, observamos, junto à multidão, surgir Daenerys, nua e ilesa. Em um primeiro momento, diante das chamas, em plano aberto, vemos apenas uma silhueta feminina. Em seguida, em plano médio, temos uma visão da personagem nua. A câmera move-se, afastando-se da construção em chamas, e vemos a multidão ajoelhar-se aos pés da não queimada.

> A criança assustada que abriguei em minha mansão morreu no Mar Dothraki e renasceu no sangue e no fogo. Essa rainha dragão que usa seu nome é uma verdadeira Targaryen. Quando enviei navios para trazê-la para casa, ela se virou para a Baía dos Escravos. Num curto espaço de dias conquistou Astapor, colocou Yunkai de joelhos e saqueou Meereen (Martin, 2014c, p. 66).

Torna-se pertinente, em diálogo com trecho recuperado acima, retomar algumas informações sobre a Casa Targaryen, da qual, neste instante, Daenerys é conhecida como a última descendente. A nobre casa é proveniente da antiga Valíria (localizada no continente *Essos*), lembrada por sua relação com a magia e com os dragões. Em dado momento, uma antepassada de Daenerys prevê a destruição do império devido a um cataclisma e, crendo na profecia, a família deixa a região, partindo para *Westeros.* Diante do ocorrido, que dizima outras famílias e outros dragões, tornam-se uma força singular, a ponto de obter um controle quase total do continente e dar início a uma dinastia.

Daenerys, ao trazer dragões à vida (os últimos, moribundos, há muito deixaram de existir) e ao ser imune ao fogo, mostra-se uma figura sobre-humana, quase que divina. Ela não é uma bruxa, como a personagem Melisandre (Mendonça, 2023) que, ainda que poderosa, é representada como vil, diabólica e excessivamente sedutora. Em Daenerys a magia ocupa um outro lugar, que parece a distanciar de uma primeira posição possível de ser ocupada por seu corpo (de jovem mulher, frágil e à mercê de uma agência masculina) para uma segunda, quase que de uma lenda, que legitima seu lugar, ainda que em sistema patriarcal, para reivindicar o poder. Em *Game of Thrones* (T02, Ep06) Daenerys afirma: "Eu não sou uma mulher comum. Meus sonhos se tornam realidade". O que a fala parece reiterar, em consonância com aquilo que aqui defendemos, é que, se como garota/mulher tal percurso não era viável, como deusa, encarnada em um corpo incompreensível, Daenerys pode galgar os degraus que levam ao trono de ferro.

Cabe ressaltar que falamos em um corpo incompreensível em diálogo com os estudos de gênero. Para além dos elementos mágicos, o tomamos como um corpo não possível de ser entendido em um sistema dominado por homens. Ainda que cientes de que imagem da mulher/bruxa constitui-se em construção histórica e política que visava, e ainda visa, a controlar o feminino – algo sobre o que já refletimos em Mendonça (2023) –, reiteramos que, em nossas análises, compreendemos Daenerys a partir de outro prisma. Guacira Lopes Louro (2008) lembra que uma matriz heterossexual (ao que acrescemos patriarcal), ao mesmo tempo que delimita padrões a serem seguidos, estabelece pautas para transgressões, forjando, em simultâneo, corpos abarcados pelas normas e aqueles que dela escapam. Ao afastar-se de um lugar hegemônico de feminilidade que lhe fora pré-determinado (posição passiva sobre a própria subjetividade e existência), e para demarcar efetivamente tal alteração, Daenerys precisa verbalizar que "não é uma mulher comum" o

que, acreditamos, traz implícita a ideia de que o que a habilita e a legitima, **apesar** do gênero, são seus poderes extraordinários. Sobre este ponto, em específico, podemos recuperar as reflexões de Monique Wittig (2010) acerca do pensamento heterossexual. Ao afirmar que as lésbicas não são mulheres, Wittig (2010) ressalta a necessidade de, rompendo com lógicas heteronormativas e patriarcais, elas poderem significar a sua existência para além de termos, e padrões, heterocentrados. Parece-nos que, em certa medida, ao precisar dizer que não é uma mulher comum, Daenerys percebe a necessidade de negar seu gênero, sob dada performatividade requerida (Butler, 2012) (de jovem frágil, vulnerável e passiva), para, então como deusa (não como bruxa, cabe novamente reiterar), poder alcançar seus objetivos. Há que se ressaltar, contudo, que este corpo estranho, raro, que perturba um sistema (Louro, 2008), ao mesmo tempo que a torna apta ao poder, igualmente é acionado como lugar que põe em dúvida sua capacidade enquanto líder, conforme abordaremos na próxima seção.

Imagem 3 – Um corpo incompreensível



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de HBO.

Um corpo incontrolável

> Na praça em frente à Grande Pirâmide, os meereeneses tinham se amontoado sem esperança. Os Grandes Mestres pareciam tudo menos grandes à luz da manhã. Despojados das joias e de seus tokars debruados, eram desprezíveis; uma manada de velhos com bolas murchas e pele manchada e de jovens com penteados ridículos. Suas mulheres eram ou moles e carnudas ou secas como paus velhos, com a maquiagem facial riscada por lágrimas, - Quero os seus líderes - disse-lhes Dany, - Entreguem-nos, e os demais serão poupados. - Quantos? - perguntou uma velha, entre soluços. - Quantos quer para nos poupar? - Cento e sessenta e três - respondeu. Tinha ordenado que fossem pregados a postes de madeira em volta da praça, cada um apontando para o seguinte. A ira ardia feroz e quente dentro dela quando dera a ordem; fez com que se sentisse um dragão vingador. Mas, mais tarde,

> quando passou pelos moribundos nos postes, quando ouviu seus gemidos e sentiu o cheiro de entranhas e sangue... Dany pôs o espelho de lado, franzindo a testa. Foi justo. Foi mesmo. Fiz isso pelas crianças (Martin, 2014b, p. 1230).

Ao passar de um corpo vulnerável (sem agência sobre si) a um corpo incompreensível (com agência sobre si), Daenerys também se torna corpo impossível de se controlar (Imagem 4). No trecho reproduzido acima, chegando à cidade de *Meereen,* a personagem se depara com 163 corpos de crianças, escravos crucificados, que a levam, por 163 milhas, aos portões do lugar. Trata-se de um desafio perante sua política de combate à escravidão.[6] Ao tomar a cidade, como medida que considera adequada, ordena que 163 mestres tenham o mesmo destino. Na série (T04, Ep04) a narrativa se dá de maneira similar. A cena começa com Daenerys atravessando uma multidão de escravos libertos que, agora, a ovaciona, chamando-a de *Mhysa* (que significa mãe). "Lembre-me, Sor Jorah. Quantas crianças os mestres pregaram nos postes? 163, Khaleesi. Sim, foi isso". Daenerys, com um olhar, dá o comando ao líder de seu exército, que inicia dá início ao processo. "Majestade, podemos conversar? A cidade é sua. Todas essas pessoas são seus súditos agora. Às vezes, é melhor responder injustiça com piedade. Responderei injustiça com justiça". Daenerys mostra-se tranquila e resoluta e, em sequência, já vemos os mestres sendo crucificados, tal qual foram crucificados seus escravos. Ao final da cena, em um balcão que lhe confere vista à cidade, ao som dos gritos dos mestres e da trilha sonora em seu ápice, Daenerys aparenta satisfação (o que, cabe pontuar, é uma diferença em relação à narrativa literária em que, apesar de considerar sua decisão justa, sente-se mal perante a carnificina).

Na temporada seguinte, Daenerys acaba de perder, em ataque perpetrado pelos já citados *Filhos da Harpia,* um de seus cavaleiros mais leais. Em razão disso, por crer que se trata de plano orquestrado pelas famílias nobres da cidade, ordena que lhes sejam trazidos os líderes de cada uma delas. Na cena em questão (T05, Ep05), Daenerys leva-os ao fosso onde os dragões são mantidos. "Para a frente". Seus soldados, com lanças, obrigam os prisioneiros a moverem-se em direção aos dragões. "Outro passo". De modo tranquilo, ela se aproxima. "Eles comerão vocês, se eu mandar. Até mesmo se eu não mandar. Filhos. Alguns acham que devo desistir deles. Uma boa mãe não desiste dos filhos. Ela os disciplina, se preciso. Mas não desiste deles". Novamente diante apenas de um olhar de comando, um dos prisioneiros é jogado à frente. Em plano aberto, vemos o dragão lançar fogo sobre a vítima, que incendeia, e então é comida pelo animal. Sob a luz do fogo, os demais homens mostram-se aterrorizados e Daenerys parece contente. "Quem é inocente? Talvez todos vocês. Talvez nenhum. Talvez eu devesse deixar os dragões decidirem [...] Não quero alimentá-los demais. Amanhã, talvez". A cena encerra com o som dos animais devorando o corpo e com Daenerys observando a tudo de modo sereno. Na narrativa literária, em trecho que dialoga com o que se reflete aqui, Daenerys pondera sobre, tal qual seus dragões, possuir um caráter monstruoso.

> Mãe de dragões, Daenerys pensou. Mãe de monstros. O que eu desencadeei sobre o mundo? Sou uma rainha, mas meu trono é feito de ossos queimados e repousa sobre areia movediça. Sem os dragões, como poderia esperar manter Meereen e muito menos retomar Westeros? Sou o sangue do dragão, ela pensou. Se eles são monstros, eu também sou (Martin, 2014c, p.137).

Na sétima temporada, a então ocupante do trono de ferro, Cersei Lannister, discursa aos seus aliados, chamando a atenção para o caráter tirano de Daenerys e selvagem de suas tropas.

> Se a filha do Rei Louco tomar o Trono de Ferro, ela vai destruir o reino como o conhecemos. Alguns de vocês são vassalos da Casa Tyrell, mas a Casa Tyrell está em rebelião contra a Coroa. Com a ajuda deles, a filha do Rei Louco

[6] Um elemento que integra a trajetória de Daenerys, mas que não será abordado neste texto em razão de já ser o foco de outro trabalho no qual investigamos a representação de mulheres não brancas na saga (texto em vias de finalização), é a sua imagem enquanto salvadora branca (Frankel, 2014), que assume para si a missão de libertar pessoas não brancas, de terras tomadas como "exóticas", de práticas escravagistas.

> trouxe um exército de selvagens às nossas terras, soldados Imaculados sem consciência que vão destruir seus castelos, pagãos dothraki que vão queimar suas aldeias, estuprar e escravizar suas mulheres e matar seus filhos sem pensar duas vezes. [...] Vocês todos se lembram do Rei Louco, se lembram dos horrores que ele impôs ao seu povo. A filha dele não é diferente. Em Essos, sua brutalidade já é lendária. Ela crucificou centenas de nobres na Baía dos Escravos, e quando ela se entediou disso, ela alimentou seus dragões com eles. É meu dever solene proteger o reino, e eu vou, mas preciso da ajuda de vocês, milordes. Precisamos nos unir, todos nós, se quisermos detê-la.

Ainda na sétima temporada, em outra cena (T07, Ep05), depois de, com um de seus dragões e com um exército dothraki, vencer uma batalha, Daenerys reúne os adversários sobreviventes, tendo o dragão ao seu lado, e profere um discurso. Os planos alternam-se entre aberto e fechado, mediante a situação ocorre, e a paisagem sonora é composta pelas vozes, grunhidos do dragão e trilha que indica suspense.

> Sei o que Cersei disse a vocês. Que vim destruir suas cidades, queimar suas casas, assassiná-los e deixar seus filhos órfãos. É Cersei Lannister que faz isso, não eu. Não vim aqui para matar. Só o que eu quero destruir é essa roda que vem esmagando ricos e pobres para beneficiar somente as Cersei Lannisters do mundo. Ofereço uma escolha. Dobrem o joelho e se juntem a mim. Juntos, vamos fazer do mundo um lugar melhor. Ou se recusem e morram.

Daenerys, novamente, mostra-se decidida perante a situação, seu conselheiro mostra-se incomodado e, em especial diante de um rugido do dragão, a maior parte dos sobreviventes se ajoelha. Dirigindo-se a um dos que ainda se mantém em pé, Daenerys prossegue. "Aproxime-se, milorde. Não vai se ajoelhar? Já tenho uma rainha". Ao ser questionado pelo conselheiro de Daenerys, que é irmão de Cersei, o cavaleiro defende sua posição. "Diga o que quiser da sua irmã, mas ela nasceu em Westeros. Passou a vida toda aqui. Você, por outro lado, matou seu próprio pai e escolheu apoiar uma invasora estrangeira. Alguém sem laços com estas terras, com um exército de selvagens". Diante da resposta, mesmo sendo aconselhada a manter o prisioneiro vivo, Daenerys mantém seu posicionamento. O filho do cavaleiro, também cativo, diz que acompanhará o pai.

> Majestade, nada melhor para acabar com ideias idiotas que umas semanas numa cela escura. El falei sério. Não vim para acorrentar homens. Se for uma opção, muitos vão querer. Ofereci uma escolha. Eles escolheram. Majestade, se decapitar famílias ... Não vou decapitar ninguém.

Mais uma vez com apenas um olhar, os dois prisioneiros são levados à frente do dragão. *"Lorde Randyll Tarly, Dickon Tarly, eu, Daenerys, da Casa Targaryen, Primeira do meu nome, Destruidora de Correntes e Mãe dos Dragões, condeno vocês à morte. Dracarys".* Os homens então são reduzidos a cinzas, o conselheiro mostra-se chocado e Daenerys, mais uma vez, traz um semblante de tranquilidade e satisfação.

Na última temporada, Daenerys enfrenta Cersei pela definição de qual monarca ocupará o trono. Depois de uma batalha que sinaliza a vitória de Daenerys, os sinos da capital badalam, em sinal de rendição. Em cima de seu único dragão sobrevivente, Daenerys traz um semblante de ira. Mesmo diante da vitória, voando sobre seu dragão, que lança fogo conforme seus comandos, Daenerys destrói a cidade, vitimizando grande parte da população. Em cena do episódio seguinte (T08, Ep06), Daenerys profere um discurso. Diante de ruínas, e sob o cair das cinzas de uma cidade que foi em grande parte queimada, seu exército a aguarda. Em plano aberto, ouvimos o rugido do dragão e percebemos que Daenerys está chegando. Em uma tomada que nos parece muito significativa, observamos a personagem caminhado, mas com o dragão atrás de si, abrindo as asas de maneira que, pelo ângulo de câmera, parece que fera e rainha são um só o que, sugerimos, reitera o caráter selvagem e brutal, de um corpo impossível de ser controlado, da personagem.

> Sangue do meu sangue. Vocês mantiveram todas as suas promessas. Vocês mataram os meus inimigos em suas roupas de ferro. Vocês derrubaram as casas de pedra deles. Vocês me deram os sete reinos [...] Imaculados. Foram arrancados de suas mães e criados como escravos. Agora vocês são libertadores. Vocês libertaram o povo de Porto Real de uma tirana. Mas a guerra não acabou. Não vamos abaixar as nossas lanças enquanto não libertarmos

> todos os povos do mundo. De Winterfell a Dorne. De Lannisporto a Qarth. Das Ilhas de Verão ao Mar de Jade. Mulheres. Homens. Crianças. Já sofreram tempo demais debaixo da roda. Vocês vão quebrar a roda comigo?

Ao passo que Daenerys está exultante, e é ovacionada pelos seguidores, outras personagens em cena (Tyrion, seu conselheiro; Jon, seu apoiador e amante e Arya, irmã de Jon) mostram-se consternadas diante de toda a violência presenciada e, ainda, daquela que, via discurso, foi prometida. É a partir desta cena, que sendo advertido por Arya e por Tyrion acerca dos riscos decorrentes da continuidade do projeto de Daenerys, que Jon decide assassinar a personagem (em cena descrita em seção anterior).

Fernanda Souza (2020), ao abordar, em específico, a chegada de Daenerys à capital, aponta uma mudança na forma de representação da personagem, que não mais passa a ser vista como um espetáculo a ser admirado (um corpo incompreensível, tal qual aqui definimos), sendo reduzida à violência e à inabilidade de governar. Advogamos que tal movimento precede a chegada e destruição da cidade, estabelecendo, desde antes, a personagem enquanto um corpo incontrolável e incapaz. Em trecho do terceiro livro, uma personagem lembra de algo que lhe foi dito: que a loucura e a grandeza seriam dois lados de uma mesma moeda e que, quando um Targaryen nascia, os deuses atiravam uma moeda ao ar e que o mundo prendia a respiração para saber qual seria a face definida. A pesquisadora (Souza, 2020), então, reflete sobre como a representação da violência, em *Game of Thrones,* é abordada de modos distintos quando se trata de personagens masculinas e femininas. Ao passo que nos homens da saga, na maior parte das vezes, a violência opera como uma demonstração de poder, nas mulheres consiste, repetidamente, em um traço de desequilíbrio e, por conseguinte, de loucura.

Em texto no qual abordamos a crítica cultural/jornalística referente ao desfecho da personagem (Kolinski Machado; Gonzatti, 2021), analisando cerca de 50 produções de veículos diversos, observamos a prevalência de um discurso que, ao observar criticamente o final da personagem, e sua definição como louca, percebia engrenagens patriarcais e misóginas.

Mary Beard (2018), em obra em que reflete acerca das relações entre mulheres e poder, destaca como, em nossa sociedade, ao ocuparem posições de controle, os corpos femininos são vistos como deslocados. Ao propor um retorno ao mundo clássico, Beard (2018) recupera figuras como Medusa a fim de ponderar como, desde aquele contexto, há uma prevalência, em termos de representação, da agressora em detrimento daquela que detém o poder, reforçando uma necessidade de desautorização e de um retorno, de seu corpo, ao lugar que lhe cabe (controlado). Ao apresentar Medusa, Beard (2018, p. 77) sugere que a tomemos como "um dos maiores símbolos antigos do domínio masculino sobre os perigos destrutivos representados pela simples possibilidade do poder feminino". Assim como Medusa, criatura monstruosa e perigosa que precisava ser eliminada, o que acaba sendo feito por Perseu, Daenerys, em especial ao encarnar o dragão, precisa ter seu corpo incontrolável não apenas dominado como, também, aniquilado, o que acaba sendo missão de Jon Snow. Bárbara Yauss (2020), ao abordar a relação Daenerys/dragão, fala em uma natureza bestial que demarca a criatura e, também, a mulher poderosa que, em contexto patriarcal, representa uma ameaça à civilização. Ao se combinarem em um só, corpo feminino incontrolável pelo patriarcado e monstro potencialmente perigoso, o poder torna-se interditado e a morte torna-se a solução viável na narrativa. Morta pelo então parceiro afetivo/sexual, e sendo enganada por ele, que se aproxima de modo furtivo, Daenerys retorna ao corpo vulnerável, passível de controle do poder masculino que rege *Westeros,* tal qual rege nossa sociedade não ficcional.

Imagem 4 – Um corpo incontrolável



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de HBO.

Considerações

Conforme mencionado, inserido em uma investigação mais ampla, o objetivo específico deste texto foi compreender, a partir da trajetória da personagem Daenerys Targaryen, uma das protagonistas de *As Crônicas de Gelo e Fogo* e de *Game of Thrones*, quais sentidos se estabelecem acerca do feminino. Para tanto, empreendemos uma análise crítica cultural da mídia (Kellner, 2001), ancorada em referenciais relacionados aos estudos de gênero/feministas, em diálogo com um protocolo analítico, voltado ao estudo de cenas audiovisuais, que desenvolvemos (Kolinski Machado, 2022).

A partir dos três núcleos de sentidos desvelados (corpo vulnerável, corpo incompreensível e corpo incontrolável), constatamos que, ainda que em alguma medida desafie lógicas hegemônicas masculinas, pelo contínuo retorno a um corpo à mercê do patriarcado, a Não Queimada, a Quebradora de Correntes, a Mãe de Dragões, em última instância, parece sugerir que determinados lugares, seja em *Westeros,* seja em nossa sociedade, permanecem interditados às mulheres. Na saga, e para além dela, enquanto dispositivo pedagógico (Fischer, 2002), ensina-se que o corpo feminino, quando dócil e dominado, pode existir, mas que, ao se tornar incompreensível e incontrolável, assim como Medusa, necessita ser extirpado: pelo bem do reino, pelo bem dos homens, pelo bem de um sistema patriarcal. Se uma frase continuamente citada na saga de fato fosse levada a sério (*Valar Morghulis* – Todos os homens devem morrer), eventualmente Daenerys poderia ter tido um outro destino.

Referências

BALTAR, Mariana. Corpo e afeto: atualizações do regime de atrações no cinema brasileiro contemporâneo. **Aniki**: Revista portuguesa da imagem em movimento, [*s. l.*], v. 10, p. 4-28, 2023.

BEARD, Mary. **Mulheres e poder**: um manifesto. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2018.

BUTLER, Judith. **Notes toward a performative theory of assembly**. [*S. l.*]: Harvard University Press, 2015.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. São Paulo: Editora Record, 2012.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de se educar na (e pela) TV. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 151-162, jan./jun. 2002.

FRANKEL, Valerie Estelle. **Women in Game of Thrones**: power, conformity and resistance. [*S. l.*]: McFarland, 2014.

GAME of Thrones chega à última temporada com recordes de orçamento, audiência e pirataria. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 14 abr. 2019. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/04/game-of-thrones-chega-a-ultima-temporada-com-recordes-de-orcamento-audiencia-e-pirataria.shtml. Acesso em: out. 2024.

GAME of Thrones. Realização: David Benioff; Daniel Brett Weiss., EUA: HBO, 2011-2019. 39 DVDs (4.216 min).

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**: estudos culturais, identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Edusc, 2001.

KOLINSKI MACHADO, Felipe Viero. Notas sobre o martírio feminino em Game of Thrones. **E-Compós**, [*s. l.*], v. 25, 2022.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

LOURO, Guacira Lopes. **Um Corpo Estranho**: Ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

MARTIN, George RR. **A Dança dos Dragões**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Leya, 2014c.

MARTIN, George RR. **A Guerra dos Tronos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Leya, 2014a.

MARTIN, George RR. **A Tormenta de Espadas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Leya, 2014b.

MENDONÇA, Felipe Viero Kolinski Machado; GONZATTI, Christian. A "mulher louca" em Game of Thrones: gênero e a crítica do pop no jornalismo. **MATRIZes**, [*s. l.*], v. 15, n. 1, p. 223-247, 2021.

MENDONÇA, Felipe Viero Kolinski Machado. (Com ela) A noite é escura e cheia de terrores: Melisandre e a mulher/bruxa em As Crônicas de Gelo e Fogo e em Game of Thrones. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, [*s. l.*], v. 6, n. 21, p. 245-274, 2023.

MORAES, Clara Meira. **Nascida da tormenta, a última de seu nome**: construtos de (des) empoderamento feminino a partir de Daenerys Targaryen. 2022. 153 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2022.

MULVEY, Laura. Prazer visual e cinema narrativo. *In*: XAVIER, Ismail. **A experiência do cinema**: antologia. Rio de Janeiro: Edições Graal: Embrafilme, 1983. p. 437-453.

PENKALA, Ana Paula; PEREIRA, Lucas Pessoa; EBERSOL, Isadora. Arquétipos complexos de gênero em Game of Thrones: Daenerys nascida da tormenta, a puta, a guerreira, a mãe. **Paralelo 31**, [*s. l.*], v. 1, n. 2, 29 jun. 2014. Disponível em: https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/paralelo/article/view/10172. Acesso em 7 mar. 2025.

SÁ, Simone Pereira de; CARREIRO, Rodrigo; FERRARAZ, Rogerio. **Cultura Pop**. Salvador: Edufba, 2015.

SOUSA, Fernanda Cristina Cobo. **Representações de gênero e cultura das mídias**: uma análise de Game of Thrones. 2020. 241 f. Dissertação (Mestrado em Imagem e Som) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2020.

VESTIDO de Daenerys mostrava a transformação da personagem em Game of Thrones, revela figurinista. **Rolling Stone**, São Paulo, 18 dez. 2019. Disponível em: https://rollingstone.com.br/noticia/figurinista-de-game-thrones-revela-detalhe-da-transformacao-de-daenerys-no-vestido-da-personagem. Acesso em: out. 2024.

WITTIG, Monique. **El pensamiento heterosexual y otros ensayos**. Egales: Barcelona, 2010.

YAUSS, Barbara. **Daenerys Targaryen: Mad or Madly Ended?** A Feminist Analysis of Her Downfall. 2020. Theses (Undergraduate Theses) – University of Lynchburg, 2020.

Felipe Viero Kolinski Machado Mendonça

Doutor em Ciências da Comunicação (UNISINOS), em São Leopoldo, RS, Brasil. Professor Adjunto do Departamento de Comunicação Social/Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em Belo Horizonte, MG, Brasil. Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto (PPGCOM/ UFOP), em Mariana, MG, Brasil.

Endereço para correspondência

Felipe Viero Kolinski Machado

Universidade Federal de Minas Gerais

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

Departamento de Comunicação Social

Universidade Federal de Minas Gerais

Pampulha, 31270-901

Belo Horizonte, MG, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela SK Revisões Acadêmicas e submetidos para validação do autor antes da publicação.